

O MARULHAR DA MANHÃ ÁGUAS DO MUNDO, DE CLARICE LISPECTOR

THE MORNING SADDLE IN THE ÁGUAS DO MUNDO, BY CLARICE LISPECTOR

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira¹
Thainá Aparecida de Oliveira²

Recebimento do texto: 11/03/2021

Data de aceite: 04/04/2021

RESUMO: Esta abordagem analítico-literária apresenta o conto *Águas do mundo*, que compõe a coletânea de narrativas do livro *Felicidade Clandestina* (1998), da escritora ucraniana-brasileira Clarice Lispector. Em 2020, comemorou-se o centenário da escritora. Trata-se da história da mulher frente ao mar para um mergulho matinal, às seis horas da manhã, tendo como expectador apenas um cão nas areias e a imensidão das águas que se perdem na linha do horizonte, podendo apenas ser encontrada pela infundável linha do olhar. Entre as profundezas das águas e a luz do sol, entre a solidão e a presença, entre o sal e o iodo, a autora apresenta a enigmática e fascinante travessia da mulher que caminha por entre suas próprias vias na feitura de sua identidade. Feita com água e por águas, a mulher representada no universo ficcional por Clarice, desbrava a si e constitui sua unidade na fragmentação do próprio corpo. É neste marulhar de percepções que dialogamos com Jean-Paul Sartre (1993), Antonio Candido (2005), Simone de Beauvoir (1967), entre outros autores que problematizam a literatura e a sociedade, bem como, o universo feminino na teia histórica, filosófica e existencial da constituição identitária da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: *Águas do mundo*. Narrativa. Mulher. Identidade. Clarice Lispector.

ABSTRACT: This analytical-literary approach presents the short story *Águas do mundo*, which is part of the collection of narratives in the book *Felicidade Clandestina* (1998), by the Ukrainian-Brazilian writer Clarice Lispector. In 2020, the centenary of the writer was celebrated. It is the story of the woman facing the sea for a morning swim, at six o'clock in the morning, with only a dog in the sand as a spectator and the immensity of the waters that are lost on the horizon line, which can only be found by the endless line of to look. Between the depths of the water and the sunlight, between solitude and presence, between salt and iodine, the author presents the enigmatic and fascinating journey of

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Atualmente, professora formadora da área de linguagens no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica/CEFAPRO – Cáceres/MT. Membro dos Projetos de Pesquisa: No Centro-Oeste da “MARGEM”: Cem Anos de Relações entre Cultura e Literatura em Mato Grosso (1916-2016), UNEMAT; Poética contemporânea de autoria feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil, UNIR/Universidade de Rondônia. Contato: m.elizabte@gmail.com

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT. Professora da rede privada de ensino. Contato: thainaaroliveira.gmail.com

the woman who walks through her own paths in the making of her identity. Made with water and water, the woman represented in the fictional universe by Clarice, pioneers herself and constitutes her unity in the fragmentation of her own body. It is in this flurry of perceptions that we dialogue with Jean-Paul Sartre (1993), Antonio Candido (2005), Simone de Beauvoir (1967), among other authors who problematize literature and society, as well as the female universe in the historical web, philosophical and existential of the identity constitution of women.

KEYWORDS: *Águas do mundo*. Narrative. Women. Identity. Clarice Lispector.

Os autores também são históricos; e é justamente por isso que alguns deles almejam escapar à história por um salto na eternidade [...] como as liberdades do autor e do leitor se procuram e se afetam através do mundo, pode-se dizer igualmente que a escolha que o autor faz de determinado aspecto do mundo é decisiva na escolha do leitor, e, reciprocamente, que é escolhendo o seu leitor que o escritor decide qual é o seu tema (SARTRE, Jean-Paul, 1993, p. 57-58).

Iniciamos com Sartre (1993) por confiar no salto dado por Clarice Lispector com narrativas que, implicitamente, representam questões existenciais caras, especialmente, à imagem da mulher. Mais que isto, justificamos a escolha do texto que surge como se fosse um presente – Em 2020 foi celebrado o centenário da escritora – com uma abordagem que ressalta a potencialidade existente no âmago da figura feminina representada por uma das principais escritoras do século XX no âmbito literário. Desse modo, leiam a epígrafe como abertura do texto, como discussões e provocações à curiosidade, a inquietação e a dúvida, como um pretexto, um pré-texto (REIS, 1991). Até porque acreditamos, tal qual Vera Lucia dos Reis (1991), que “[...] a epígrafe faz parte do repertório de um texto e a ele se incorpora, não podendo mais ser lida isoladamente, nem ser simplesmente descartada como supérflua” (ibidem, p. 87). Assim, como destaca Sartre escoltamos a linha onde autor-leitor se somatizam, pois diante das palavras do filósofo existencialista visualiza-se o debate íntimo e constante que há na relação entre autor e leitor, intimidade que reverbera também na relação literatura e mundo.

Diante dessa proximidade visceral que há entre quem escreve e a matéria escrita, Clarice traz uma visão anárquica e provocativa da figura feminina, que

desestabiliza as noções preexistentes, ou seja, apresenta-a em uma perspectiva que transcende as formas como esta foi constituída ao longo da história. A mídia, os produtos de imagem pública, sempre reforçaram os atributos negativos às peculiaridades do gênero feminino.

Estas representações discursivas ou imagéticas, difundidas no social, ressematizam atributos e enunciados a respeito das “verdadeiras” mulheres: mulheres-corpo, mulher-sexo, mulher-objeto, mulher-mãe, ou seja finalmente, mulher-mulher, representações poderosas atuantes no imaginário social (SWAIN, 2002, s/p.).

Tais atributos, segundo Swain, foram sempre observados pela ótica de um sexo biológico que consagrou-se como superior, o masculino. Dessa forma, as análises sobre as fragilidades conceituais destes edifícios teóricos são extremamente importantes para destruir as “verdades” constituídas por meio de evidências fúteis e/ou oriundas do senso comum. No entanto, reforça a autora, trata-se de caminho cheio de contradições e riscos, “pois exige o desenraizamento, o deslocamento das balizas seguras de certos pressupostos” (SWAIN, 2002, S/P).

A narrativa clariceana, especialmente a referendada nesta abordagem, desmistifica a visão fragmentária e submissa da mulher abalando as estruturas sociais porque envereda por outro universo, como ressalta Rubem Alves, não pode ser compreendida pelas leis da ciência porque não habita nas conjecturas explicativas e conceituais. “[...] ela mora no corpo. Não vem de fora porque não se trata de um saber sobre o mundo. Brota de dentro – como se fosse uma fonte -, é o saber sem palavras do corpo sobre o seu próprio destino (ALVES, 2014, p. 74). Trata-se de uma linguagem inscrita por dentro do corpo e, apenas quem vive neste corpo, é capaz de transmitir o marulhar de todo o dessaber contido em um corpo ainda em gestação.

Em consonância com a perspectiva acima, José Castello (2011, p.13), no prefácio do livro *Clarice na cabeceira*, salienta que a escrita da autora “navega sem rumo, como um cometa desgovernado, [...] é uma escrita da ignorância e do fracasso” porque desconsidera as regras e transportes pré-moldados na constituição do universo humano em sua vida e produção, construiu ela mesma a fonte das águas pelas quais caminha, como se feita das ruínas de si. Em suma, suas

produções colocam em primeiro plano a inconstância do ser. Neste efeito híbrido e inebriante da literatura pouca a mais sublime e inesgotável fonte da sabedoria, aquela que faz com que possamos enveredar por onde habita o essencial em nós, de forma que não nos deixa contaminar na irreversibilidade da loucura que nos cercam e nos levam a derrocada como se fôssemos seres sem humanidade, prejudiciais ao mundo e aos nossos semelhantes.

É, portanto, na perspectiva de um não lugar no discurso e/ou de um entre-lugar, conforme teoriza Silvano Santiago (2000), que caminhamos com as personagens criadas por Clarice Lispector, as quais brincam pelo espaço ficcional e indagam pela desconstrução de afirmações pré-moldadas sobre a constituição da identidade feminina, a fim de revigorar a partir das mesmas relações binárias construídas socialmente, novos modos de conceber a essência e a força existencial da mulher.

Para esta discussão apresentamos o conto *Águas do mundo*, de Clarice Lispector, retirado do livro *Felicidade Clandestina* (1998), texto que também integra o enredo do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Esse aspecto reforça a hibridez dos gêneros textuais presente na escrita clariceana, uma vez que, em muitos casos, a crítica ressalta que a prosa intimista desenvolvida por Lispector apresenta nuances de poesia, de modo que lirismo e prosa moldam uma unidade harmônica.

Águas do mundo expõe uma personagem feminina frente ao mar às seis horas da manhã, preparando-se para um mergulho e tendo como testemunha apenas um cão preto nas areias e a imensidão da água do mar. A história é narrada em terceira pessoa com minúcias de detalhes, trazendo imagens que reavivam a forma unívoca em que o mar e a mulher vão se relacionando. É como se estivesse a mirar ambos de longe e assistindo a uma peça de teatro, onde descreve com inteireza as ações das personagens frente os movimentos que fundem um ao outro, agitações ofertadas por meio de palavras. Neste cenário, a narradora descreve dois seres pertencentes a mundos diferentes, mas de iguais complexidades que atraem, humano e natureza. A mulher, ao questionar sobre si, amplifica seus mistérios e suas questões existenciais, tornando-se tanto quanto o mar, incompreensível diante das linhas racionais.

Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar (LISPECTOR, 1998, p. 89).

O mar e a mulher constituem o encontro do mistério, a simbiose entre o inteligível e o enigmático. A conjunção aditiva estende o mar à figura da mulher e vice-versa, de modo que as águas marítimas passam a fazer parte do seu ser. Não se trata de um e de outro, seres independentes, mas interdependência, um e outro, como se a extensão ofertasse à mulher a infinidade reconhecida apenas na linha do horizonte obtida quando fita-se o mar. Confirmação presente na seguinte passagem: “Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

A construção desse cenário híbrido de fusão entre dois universos dicotômicos, coabita a escrita de Clarice em outras produções, como exemplo o texto “Banho de Mar” do livro *Aprendendo a viver*, uma coletânea de crônicas da autora escritas para o Jornal do Brasil. Esta obra configura, de forma linear, traços da vida da escritora narrados em primeira pessoa. Especificamente na crônica citada tem-se o contato com o mar e a mulher em processo ritualísticos de fusão e complementaridade.

Banho de mar apresenta um tom memorialístico de resgate da infância, em que a autora inicia relatando o pensamento do seu pai ao considerar que o banho de mar é capaz de realizar curas. No entanto, para que esse processo purificador seja concretizado é necessário realiza-lo antes do nascer do sol e em jejum, além disso, após entrar na água salgada do mar é preciso deixar que o sal aja sobre a pele. O poder marítimo é contemplado por várias crenças e gerações, seja atribuindo ao sal do mar como aquele que cura doenças, ou até mesmo utilizado nos rituais de passagem do ano como forma de realizações de desejos.

Ao resgatar as memórias da infância, na referida crônica, Clarice Lispector sugere que o banhar nas águas marítimas requer uma preparação, processo mediado pelas emoções, o que garante um sentimento de felicidade e de contemplação, como é possível constatar nas palavras da autora “E me serviu como

promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.”

Além disso, o processo de preparação para o mergulho nas profundezas do mar desperta o desabrochar do corpo, o que pode ser interpretado como um processo de empoderamento da mulher, uma vez que o mar representa o perigo, o desconhecido, portanto, passar pelas águas do mar é se revestir de coragem e de força.

Esse empoderamento da figura feminina é revelado no conto em que temos uma personagem sem nome, universalizando um discurso que representa um momento de descoberta de todas as mulheres, isto é, um processo de transformação e de auto reconhecimento que ganha forma a partir da proximidade com os contrastes da natureza.

Esse processo de contato e fusão é revelado no conto *Águas do mundo* de modo que o mar e a mulher são dois mundos que não se podem conhecer com o uso da razão, por isso a necessidade de estender o olhar, de modo que ele, também, se dilua na linha do horizonte poético e preencha as lacunas com as metáforas e as sinestésias presentes na natureza: “Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

O conto apresenta recursos para descrever o mar e a mulher, tecidos por adjetivos que revelam um contraponto: enquanto a figura feminina é exígua e solitária; o mar é altivo e imenso. Deste modo, a dialética entre a água e a mulher exhibe representações simbólicas que levam-nos às definições de Chevalier e Gheerbrant (2002, p.15), de que “as águas, massa diferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção”. A força e o poder de se regenerar por meio do movimento da água no corpo da mulher, de absorver de novo suas virtualidades, são elementos contundentes na narrativa clariceana.

A cena do conto se desenvolve às seis horas da manhã, momento em que há esvaziamento na praia, apenas com a presença de um cão negro que exala sua liberdade, neste momento a narradora descreve a escassez contida no corpo feminino

em relação a vastidão do mar. Por outro lado, enfatiza que é a ausência de corpo, a sua pequenez, dentro daquela amplitude de água que a torna tão livre quanto o cão nas areias: “Seu corpo se consola com sua própria exigüidade em relação à vastidão do mar porque é a exigüidade do corpo que o permite manter-se quente e é essa exigüidade que a torna pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

No jogo proveniente do encontro do corpo da mulher com as águas salgadas do mar, a narradora descreve o jogo da existência que se metaforiza no simples ato de coragem ao entrar no mar, as seis horas da manhã, e destaca que o fato de não se conhecer o suficiente, faz da mulher, um ser de coragem para prosseguir, pois: “é fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem” (LISPECTOR, 1998)

A imagem poética acompanha a descrição e, se torna cada vez mais forte, como em: “O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares” (LISPECTOR, 1998, p. 89). A dormência dos sonos seculares da mulher só pode ser compreendida no jogo sociocultural e histórico que a acompanha por décadas no limiar da história que a apresenta de forma invisibilizada e que não legitima sua voz e sua existência. No entanto, a narradora salienta que “[...] agora ela está alerta, mesmo sem pensar, como um caçador está alerta sem pensar” (LISPECTOR, 1998, p. 89). Esta comparação inusitada e surpreendente da mulher com o caçador leva-nos à reflexão de que ela está à procura de si, buscando encontrar-se na vastidão infinita das águas do mar, também, sua imensidão e resistência. Comparação que é mais profunda quando comparada com a oposição decorrente no ato amoroso que segue: “A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda – e abre caminho na gelidez que, líquida, se põe a ela, e no entanto a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

É como se no encontro da mulher com o mar, este a possuísse de tal forma que ao tomá-la devolve-a para si. Esta passagem nos leva ao ditado popular (ou a tão falada lei da quântica física) de que os opostos se atraem e se completam e não, necessariamente, se repelem. “O caminho lento aumenta sua coragem secreta. E de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda. O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada” (LISPECTOR, 1998, p. 89).

Metaforiza-se, na linguagem poética de Clarice, uma relação amorosa e sexual da mulher com o mar, de modo que o frio, antes sentido, fosse fútil, superficial, nos entrelaces dos corpos. Além disso, o momento instantâneo de cegueira permite a fertilização de outros sentidos necessários à sua existência de mulher. Como enfatizam Chevalier e Gheerbrant (2002, p.15):

[...] mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionamento uma fase progressiva de reintegração e regenerescência.

As definições dos autores sobre o poder exercido pelas águas no espaço simbólico dialogam com o espaço ficcional criado por Clarice, já que apresentam como temas dominantes as águas como fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência, que também surgem com matéria prima no enredo de *As águas do mundo* devolvendo-nos não as dimensões e matizes deste elemento da natureza, mas, sobretudo, a visão da mulher, nas palavras de Swain (2002) como “âncora da sua experiência pluralizada, em constante produção de si”.

Agora o frio se transforma em frígido. Avançando, ela abre o mar pelo meio. Já não precisa da coragem, agora já é antiga no ritual. Abaixa a cabeça dentro do brilho do mar, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os olhos salgados que ardem (SARTRE, 1993, p. 217).

Como descreve Bachelard (2002), “[...] com efeito, desde que duas substâncias elementares se unem, desde que se fundem uma na outra, elas se sexualizam. [...] só sob essa condição a combinação imaginária é uma *imagem real*” (BACHELARD, 2002, p. 100). Nesta imagem poética, ação da mulher regenera-se, não é apenas passiva, adquire poder suficiente para não apenas ser possuída, de modo que:

Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol quase imediatamente já estão se endurecendo de sal. Com a concha das mãos faz o que sempre fez no mar, e com a altivez dos que

nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheia de água, bebe em goles grandes, bons. E era isso o que lhe estava faltando: **o mar por dentro como o líquido espesso de um homem**. Agora ela está toda igual a si mesma. A garganta alimentada se constringe pelo sal, os olhos avermelham-se pelo sal secado pelo sol, as ondas suaves lhe batem e voltam pois ela é um anteparo compacto (LISPECTOR, 1998, p. 90, grifo nosso).

Em diálogo com esse trecho, a crônica *Banho de Mar* nos oferta a possibilidade de contemplar esse processo de metamorfose em que o humano se funde a natureza, por intermédio do símbolo que habita no gesto de fazer uma concha com as mãos. Esse é o momento em que a mulher tenta imitar o outro mundo que ela contempla, como que se ensaiasse se revestir da completude do mar.

O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas e trazia um pouco de mar até minha boca. Eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele (LISPECTOR, 2004, p.8).

A mulher, descrita por Clarice, é uma mulher sabedora de seu poder de sedução e força, que sabe de suas limitações, mas, também de seu domínio, o mar por dentro simbolicamente representa a liberdade e a imensidão tão necessária a sua existência “agora ela estava toda igual a si mesma (LISPECTOR, 1998, p.90)”. É como se a junção da água do mar com o sal pudessem lhe devolver a proteção que precisa para mostrar-lhe a força interior e transformá-la em escudo de si. Esse aspecto confirma-se na crônica citada, *Banho de Mar*, pois a autora informa que emergir nas águas marítimas representam um ritual para atrair proteção.

Mergulha de novo, de novo bebe mais água, agora sem sofreguidão pois não precisa mais. Ela é a amante que sabe que terá tudo de novo. O sol se abre mais e arrepia-a ao secá-la, ela mergulha de novo: está cada vez menos sôfrega e menos aguda. Agora sabe o que quer. Quer ficar de pé parada no mar. Assim fica, pois. Como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate. A mulher não recebe transmissões. Não precisa de comunicação (LISPECTOR, 1998, p. 90).

A repetição “de novo, de novo” demarca um discurso cíclico, e reforça a ideia citada anteriormente, de que estamos diante de uma personagem que está à procura de algo. A comunicação é ela mesma, o fio que mantém as águas do mundo em correnteza, é a célula mater da origem humana: “Depois caminha dentro da água de volta à praia. Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas” (LISPECTOR, 1998, p. 90). A passagem bíblica é aqui ressignificada por Clarice, já que a mulher *caminha dentro das águas* e, as águas são ela mesma.

As vezes o mar lhe opõe resistência puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera. E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso. E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de um naufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano. (LISPECTOR, 1998, p.90).

A metáfora expressa no início da citação nos reporta as dificuldades vivenciadas pela figura feminina ao longo dos séculos, mas também à resistência criada a partir destas experiências. Gaston Bachelard endossa que: “[...] uma cabeleira viva, cantada por um poeta, deve sugerir um movimento, uma onda que passa, uma onda que freme. [...] a beira das águas tudo é cabeleira” (BACHELARD, 2002, p.89), crescimento e renovação. Assim, a mulher criada por Clarice encontra fôlego para resistir as intempéries inscritas na própria existência do ser mulher e continua a caminhar por dentro da água a romper com a fronteira sociocultural e histórica, em busca do devir.

Enfatizamos que a literatura discute, ao longo de sua história, como desconstruir estereótipos e dar visibilidade aos seres marginalizados. A figura feminina representa um desses caminhos encontrados pela produção literária para tonar visível o discurso silenciador. Trata-se de um processo de emancipação no cenário literário ganhando corpo e voz tanto pela existência de escritoras femininas, quanto pela construção de personagens mulheres que reaviavam a desconstrução da marginalização feminina. Nesse cenário, Clarice é um exemplo

singular de escritoras que trouxeram para a arena do discurso literário, a mulher e a sua vivência em uma sociedade patriarcal. A autora projeta personagens que buscam uma identidade nesse cenário marcado pela submissão, mas também pela resistência ao patriarcalismo. É importante destacar a peculiaridade dos escritos de Clarice em singularizar, tornar peculiar este ser mulher, apresentada, muitas vezes, de forma individual, mas representada em sua pluralidade. Pluralidade que faz eco dentro de si, denunciando e anunciando outro ser mulher.

Esse descortinar de um novo ser é das principais marcas das produções de Clarice Lispector. É impossível passar pelos escritos da autora e não reconhecer o movimento da epifania, conceito este que remete a um momento de revelação vivido pelo personagem. Sem querer aprofundar sobre o termo, é importante considerar que, de acordo com Sá (1993),

É um instante existencial, em quem as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa-se ser apreendida pela palavra. Esse momento privilegiado não precisa ser excepcional ou chocante; basta que seja **revelador, definitivo, determinante**. Atinge a escritora o anelo de todo ficcionista: o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio. (SÁ, 1993, p. 165)

Essa citação parece traduzir a experiência frente a existência, pois o banhar-se nas águas marítimas, como o próprio narrador informa, para aquela personagem, não se trata de “um simples jogo leviano do viver”, mas trás o mistério, o instante **revelador**, porque desafia e ao desafiar faz transparecer a existência. A revelação do ser é **determinante**, pois fertiliza a coragem e faz germinar o autoconhecimento, como é possível observar na passagem, como já referenciada: “Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso” (LISPECTOR, 1998, p.90). Esse trecho concretiza o movimento epifânico e a sua característica **definitiva**, uma vez que, ao passar pelo processo de transformação, gerado pela epifania, a personagem jamais volta ao estado anterior ao vivido.

Pode-se dizer que esse movimento característico da escrita clariceana é um jogo sensorial que tende a transcender a existência, o que caracteriza como um processo empoderador e não apenas contemplativo. Com uma linguagem potencialmente poética, que instiga à curiosidade e a reflexão, a autora brinca com a sinestesia presente no cotidiano e as transformam em palavras, ofertando-nos um ambiente recheado de interstícios, como o labirinto de Jorge Luís Borges³. Com isto, nos convoca a andarilhar por entre sua biblioteca, neste caso, especialmente, como navegantes, seres brincantes em um mar repleto de seriedade literária que joga com as linhas da razão no universo ficcional. Toda interpretação e/ou atribuição de sentidos com/em Clarice é inconclusa, pois escorrem por entre os dedos outras possibilidades. Deste modo, queremos aferir que: “ [...] não há saídas a escolher. Uma saída é algo que se inventa. E cada um, inventando a sua própria saída inventa-se a si mesmo. O homem é para ser inventado a cada dia” (SARTRE 1993, 215).

A narradora de Clarice, ao final do enredo, enfatiza que a mulher é consciente de sua história e da força intransponível que carrega dentro de si, que o fio existente entre o conto e o título da obra do qual faz parte, *Felicidade Clandestina*, aquela que acontece secretamente; tal qual a ação da mulher frente ao mar, devolve-lhe a energia. Vale reforçar, como diria Simone de Beauvoir (1967), a coragem e a ousadia da mulher bastam ser encorajadas para que ela lute contra o desespero, pois “viver por procuração é sempre um expediente precário” (BEUVOIR, 1967, p. 353), as suposições e expectativas podem ser contrárias, não darem certo.

A mulher de Águas do mundo dialoga com a mulher de outras narrativas de sua autoria, como a do romance *A paixão segundo G.H* “[...] eu estava comendo a mim mesma, que também sou matéria viva de sabá” (CASTELLO, 2011, p. 144). A primeira mulher bebe da água do mar e a mulher do romance prova da gosma que escorre do inseto mutilado. Isto significa que o conto *As águas do mundo*, tanto quanto outras narrativas clariceanas jogam o leitor em enredos que ameaçam as questões recônditas da *incontestável* humanidade, trazendo instabilidade, pois abalam estruturas sólidas que foram conduzidas pelos *status quo*, de modo que seja necessário aferir a pressão, pois azucrinar a resistência do leitor até ele permitir

3 BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. IN: <http://site.ufvjm.edu.br/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges/> acesso em 04.04.2020 às 17h18min.

ser conduzido a enfrentar seus fantasmas na busca incessante, mas também inesgotável, das superações às iniquidades nas quais está exposto.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BEUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: difusão europeia do livro, 1967.

CANDIDO, Antonio. **As personagens de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CASTELLO, José (org.). **Clarice na cabeceira**: romances. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Aprendendo a Viver**. Rocco, 2004.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector jornalista**: páginas femininas e outras páginas. São Paulo: editora Senac, 2006.

REIS, Vera Lúcia. À imitação de um risco de bordado. In: **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

SASSE, Marita Deeke. Luísa: o jogo da sedução femina. In: XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SWAIN, Tania Navarro. **As teorias da carne:** corpos sexuados, identidades nômades. Revista Labrys, estudos feministas, número 1-2, julho - dezembro, 2002.

XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino:** a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.